

O PENSAMENTO DE STO. TOMÁS ANTE OS NOVOS DESAFIOS DA FAMÍLIA E DA VIDA.

Alfonso Card. López Trujillo – Pontifício Conselho para a Família¹.

Resumo: O presente artigo investiga os desafios da família na contemporaneidade à luz do pensamento tomista. Além disso, explora o pensamento da Igreja sobre a família e defende a dignidade humana contra toda forma de “desumanização”.

Palavras-chave: Família, dignidade humana, Pessoa, Tomás de Aquino.

Abstract: The present article investigates the challenges faced in the contemporaneity by the family in view of the Thomistic thought. Besides that, it explores the Church's way of thinking about the family and defends human dignity against all forms of “dehumanization”.

Keywords: Family, human dignity, Person, Thomas Aquinas.

1. INTRODUÇÃO.

Hoje, o mais grave desafio é o da humanização do homem ou a sua desumanização. É, portanto, no problema antropológico que devemos nos aprofundar; sobre a proclamação do Evangelho da família e a vida, como “estupenda notícia”. No diálogo com uma “cultura” que pretende ter uma resposta (que não tem, contudo, capacidade de oferecer), e que mina o caminho e as possibilidades de aproximação e de busca pela *verdade*, e concretamente da verdade do homem, da família e da sacralidade e inviolabilidade da vida humana. Quer-se impor quase como um absoluto a “verdade científica”, que não reconhece os seus limites e empobrece o homem, e não aceita o seu “mistério”, sua verdadeira dignidade, sua vocação como resposta ao Senhor que chama por amor para ser plenamente *imagem*: “*praedestinavit fieri conformes imaginis Filii eius*” (*Rm* 8, 29).

O homem é esvaziado de sua dignidade, precisamente quando, como contraste, “o fermento evangélico despertou e desperta no coração do homem esta irrefreável exigência da dignidade” (*GS* 26). Enquanto a liberdade humana, a democracia, os direitos humanos, são exaltados, Romano Guardini

¹ Este texto traduzido nesta edição presta uma homenagem ao Cardeal López Trujillo [1935-2008]. Ele foi publicado originalmente em: TRUJILLO, A.L. “El pensamiento de Sto. Tomás ante los nuevos desafíos de la familia y la vida” in *Acti del Congreso Internacional su L'Umanesimo cristiano nel III millennio: la prospettiva di Tommaso d'aquino*, 21-25 Settembre 2003. Vaticano: Pontificia Academia Sancti Thomae Aquinatis, 2004, vol. 1, pp. 6-78. Agradecemos a autorização para publicá-lo. Tradução de Bernardo Veiga de Oliveira Alves.

escrevera sobre o homem desumanizado (“Unmensch”), páginas que impressionam fortemente. Um homem está enfermo no espírito porque quando o espírito não busca e não se nutre da verdade, se enferma.

É no âmbito da família e da vida precisamente, diria que principalmente, de onde este triste drama contemporâneo se revela mais ameaçador e invasor. É no coração da sociedade, do tecido social, de onde o fenômeno do vazio do *humanum* se faz devastador como uma tormenta. É bem conhecido como isto se traduz em leis iníquas que emanam dos parlamentos que carecem de uma textura antropológica.

Queria aproveitar a oportunidade que se me concede para dar um melhor testemunho de como o oxigênio puro do pensamento de Santo Tomás, empregado por nós no difícil, complexo, diálogo com uma “cultura invasora”, com uns políticos e parlamentares, frequentemente *mal informados* e frequentemente *mal formados*, ao mesmo tempo protagonistas e vítimas do colapso dos valores humanos. As leis que se denominam com eufemismo “imperfeitas”, na realidade não são leis porque não se ajustam ao bem do homem, integralmente, como é amado por Deus, como foi objeto de seu projeto de amor; desde a manhã da criação.

2. O HOMEM AMADO POR DEUS, COMO PESSOA E NÃO COMO OBJETO.

O centro do problema antropológico é a *verdade* sobre o homem. É possível o acesso à verdade e em concreto ao homem, como criatura? O homem com sua dignidade, com uma liberdade limitada. O homem que não é um *super-homem*, um sol em torno do qual tudo gira, norma e medida que se erige em absoluto, e que não deve responder ante nada (no sentido de irresponsável). O homem escravo, manipulável em sua pequenez e sua miséria, que não é fruto do amor e não vive o drama de sua própria liberdade, de sua vocação, em uma dialética de amor, de respeito e de doação, no diálogo com Deus na família humana. O homem que se orgulha da ciência, a qual não conhece limites nem referências morais e que erige esta como um absoluto, sendo, de uma só vez, vítima dela, porque no altar de uma ciência e uma “cultura” fechada – não dinâmica –, renuncia aos valores que podem realmente realizá-lo e, reduzido, não se converte em “dominus”, mas em troca, em objeto, em escravo. É o homem um “mistério” que é decifrável no encontro de amor, qual vital interpelação com Deus e com seus irmãos. Todo homem é um irmão e não um inimigo disfarçado, na “entreprise de

séduction” à que se refere J.P. Sartre, segundo o mito do olhar da medusa que tudo coisifica².

O drama e o problema mais profundo no campo da família e da vida é a redução do homem a objeto, a coisa.

O homem “coisificado”, *objeto*, ainda que se exalte a sua liberdade, uma liberdade não ligada à verdade, a qual é asfixiada, aprisionada (*Rm* 1, 19) e deve ser liberada para que a criatura humana adquira o seu sentido; gravemente amenizado e vítima do maior massacre da história, cada ano perpetrado no crime do aborto, que elimina o “nascituro”, o ser mais inocente por uma sentença e execução capital induzida e proferida nas leis iníquas dos parlamentos, enquanto se avança na humanização, em “civiltà”. Isto ocorre enquanto se defende o direito fundamental à vida humana (art. 3 da Declaração universal dos direitos humanos), mas se reduz drasticamente a sua “universalidade” abrindo caprichos e arbitrariamente “exceções”. O aborto “raro” de Clinton, alcança provavelmente 50 milhões de *executados*; o aborto “legal” que defendia vergonhosamente o “império” (agora em oportuna e esperançosa revisão com Bush), que justifica plenamente a denúncia do santo Padre na Encíclica *Evangelium vitae*, segundo a qual o *delito*, o crime, se converte em *direito*. Criam-se “novos direitos humanos” (o P. Abelardo Lobato tem uma penetrante colaboração a respeito no nosso *Léxicon*),³ que são violações dos *dirreitos fundamentais*. Representam uma ofensa e uma negação dos direitos humanos, dos direitos da família, da dignidade do homem e da mulher. Em nome de uma concepção mutilada do homem é negada à família ser um sujeito de direitos, privatizada, não é reconhecida a sua densidade social, não se considera um bem que garante o tecido social, sem o qual a humanidade é privada de um futuro digno do homem. Contra a concepção do homem como objeto, como instrumento, em coerente aplicação do pensamento de Santo Tomás, no conceito de *pessoa* (fruto da harmonia da *Fides et ratio*, forjado sobre toda a luz das clarificações cristológicas) encontramos uma afirmação central na *Gaudium et spes* que é a chave no ensinamento de João Paulo II na proclamação do Evangelho da Família e da Vida, e em sua defesa contra a prepotência de uma nova conspiração, uma conjuração dos poderosos que se reveste de uma moderna ideologia.

² “Nos últimos confins de Líbia se estendiam os domínios da Medusa, a filha de Forcis, em agrestes espalhados de rochas surgidas pela olhada do seu dono ... Quem não morreu se olhou a Medusa? ... Nenhum ser vivo podia olhá-la e as mesmas serpentes que eram o seu cabelo se deslizavam por suas costas para evitar a sua visão”, Lucano, *Farsalia*, IX.

³ Pontificio Consiglio per Famiglia (a cura del). *Lexicon. Termini ambigui e discussi su famiglia, vita e questioni etiche*, EDB, Bologna 2002.

Fruto da sabedoria humana, no encontro de fé e razão, a dignidade humana, fundada em sua realidade de pessoa, reconhece um lugar de privilégio, que deve ser respeitado como sagrado em razão de sua origem, o amor de Deus, e nos abre a *novas perspectivas* “inacessíveis à razão humana” (cf. *Gaudium et spes*, n. 24), enquanto em suas profundezas nos remete à Trindade. Este processo de reconhecimento da dignidade humana é guiado pelo

“Espírito de Deus que com admirável providência dirige o curso dos tempos... O fermento evangélico suscita no coração do homem esta irrefreável sede de dignidade humana” (GS 26).

É, sem dúvida, um processo que há de traduzir em toda a realidade: “contemporaneamente cresce a consciência da *eminente* dignidade da *pessoa humana*, superior a todas as coisas e cujos direitos e deveres são universais e invioláveis” (GS 26). “A pessoa humana, que por sua natureza tem absolutamente necessidade de uma vida social, é e deve ser princípio, sujeito e fim de todas as instituições sociais” (GS 26).

Chama a atenção o reconhecimento de Hegel, que tantas vezes tem o risco de ser esquecido, não tendo em contra o “humus” no qual surgiram os direitos humanos, em particular dos direitos da criança, da mulher, dos mais debilitados, e das raízes históricas e culturais. Disse Hegel:

“Porém, que o homem fora livre em si e por si, em virtude de sua própria substância, que nascera livre como homem, não o supuseram nem Platão, nem Aristóteles, nem Cícero, nem os juristas romanos, a pesar de que somente neste conceito reside a fonte do direito. Só no princípio cristão o espírito individual pessoal ganha essencialmente um valor infinito, absoluto: Deus quer que se ajude a todos os homens. Na religião cristã se abre o caminho a doutrina segunda a qual todos os homens são iguais diante de Deus porque Cristo não invocou a liberdade cristã ... Estas afirmações fizeram que a liberdade fosse independente do nascimento, da condição social, da educação, etc ... O sentimento deste princípio fermentou com os séculos, com os milênios, e deu lugar às mais gigantes revoluções”.⁴

⁴ HEGEL, G.W.F. *Lezioni sulla storia della filosofia*, vol. 1, La Nuova Italia, Firenze 1998, p. 61. Cit. Em A. López Trujillo, “Prólogo” no Pontificio Consiglio per Famiglia (a cura del). *Lexicon. Termini ambigui e discussi su famiglia, vita e questioni etiche*, op. cit. p. 8.

Para Santo Tomás a pessoa é o mais perfeito que há no universo: “persona significat quod est perfectissimum in tota natura”.⁵ No prólogo de Tomás de Aquino a seu comentário do terceiro livro das Sentenças de Pedro Lombardo, lemos:

“Estes rios (que são as bondades naturais, como ser, viver, entender, e outras deste gênero, conferidas por Deus a suas criaturas) nos outros seres se encontram separados, enquanto que no homem estão reunidos de alguma forma formando um conjunto. Pois o homem é como o horizonte e os confins da natureza espiritual e corporal”.

A pessoa humana não é “coisa”, não é meio, não pode ser objeto de desrespeito, manipulação. O homem é fim, e

“É fim de si mesmo por antonomásia.⁶ A dignidade humana é inviolável: não pode ser arrebatada desde fora. Pode ser unicamente lesionada por outro na medida em que não é respeitada. Quem não a respeita não se apropria da dignidade de outro, mas perde a própria”.⁷

A dignidade humana não é fruto de um reconhecimento das instâncias políticas, mas um direito natural, como observa R. Spaemann,

“um direito que pode ser anulado em qualquer momento por aqueles para os qual esse direito é fonte de obrigações, não merece em absoluto o nome de direito. Os direitos humanos, entendido em forma positivista, não são outra coisa que editos de tolerância revogáveis”.⁸

Há hoje uma forte oposição ao personalismo ontológico e ainda um certo empirismo. É conhecida a argumentação de H. T. Engelhardt, quem disse que nem todos os seres humanos são pessoas, nem são todos auto-reflexivos, racionais ou capazes de formar um conceito da possibilidade de culpar ou louvar. Os fetos, as criaturas, os retardados mentais profundos, os

⁵ *Summa Theologica*, I, q. 29 a. 3. Cf. *De potentia*, 9, 4.

⁶ Cf. R. Spaemann, “Sobre el concepto de dignidad humana”, em *El derecho a la vida*, EUNSA, Pamplona 1998. p. 91.

⁷ Cf. R. Spaemann, “Sobre el concepto de dignidad humana”, pp. 86-87.

⁸ Cf. R. Spaemann, “Sobre el concepto de dignidad humana”, pp. 82-83.

que se encontram em coma profundo são exemplos de seres humanos que não são pessoas. Estas entidades são (só) membros da espécie humana.⁹ Jamais semelhante distinção entre “seres humanos” e “pessoas” resultou tão custoso e perigoso: deste modo muitos seres humanos poderiam ser executados se se seguir estes planos. O papa João Paulo II antes, em seu discurso a um grupo de trabalho da Academia Pontifícia das Ciências, havia observado (aludindo à Instrução *Donum vitae*, da Congregação para a Doutrina da Fé, 2, 8):

“A pessoa humana não se define a partir de sua ação presente ou futura, nem do devir que pode se entrever no genoma, mas a partir das qualidades essenciais do ser, das capacidades ligadas a sua mesma natureza” (n. 6).

Requer-se uma visão integral do homem, ‘uma concepção que superando o visível e o sensível, reconheça o valor transcendente e tome em consideração o que estabelece como espiritual’.¹⁰

As definições de pessoa de Boécio e de Santo Tomás nos preservam tais interpretações. Bem observa Robert Spaemann: “A personalidade é uma constituição essencial, não uma qualidade accidental e muito menos um atributo que se adquire pouco a pouco”. V. Possenti observa que a posição de autores como Engelhardt não distinguem entre os caracteres essenciais da pessoa e os não essenciais:

“Os caracteres e as funções que podem crescer, diminuir ou faltar, são por isso mesmo não-essenciais, ... o qual não ocorre com as propriedades essenciais. Em conseqüência, pelo mesmo fato de que a consciência ou os estados psíquicos podem ter graus, eles não constituem uma dimensão essencial da pessoa”.¹¹

Robert Spaemann observa: “A personalidade é uma constituição essencial, não uma qualidade accidental e muito menos um atributo que se adquira pouco a pouco”.¹²

⁹ H.T. Engelhardt, *The Foundations of Bioethics*, Nueva York-Oxford 1968, p. 107 (trad. Esp.: *los fundamentos de la bioética*, ed. Paidós Ibérica, Barcelona 1995).

¹⁰ *Evangelium vitae*, n. 6.

¹¹ POSSENTI, V. *L'embrione è persona?*, citado por Massini, “El derecho de la vida em la sistemática dos derechos humanos”. en *El derecho a la vida*, EUNSA. Pamplona 1998, p. 198.

¹² Cf. MASSINI, “El derecho de la vida em la sistemática de los derechos humanos”, p. 197.

A dignidade da pessoa humana é fortemente afirmada em relação com a família divina, com a chamada à construção de uma família humana. O texto a que faço referência se encontra no número 24 da *Gaudium et spes* que leva por título “A índole comunitária da vocação humana no plano de Deus” e começa assim: “Deus, que tem cuidado paterno com todos, quis que todos os homens formassem uma só família e se tratassem como irmão”. O texto chave diz assim:

“Todos foram criados à imagem e semelhança de Deus, que fez de um todo a linhagem humana para povoar toda a extensão da terra (Ac 17, 26), e todos são chamados a um só e idêntico fim, isto é, Deus mesmo. Pelo qual, o amor de Deus e do próximo é o primeiro e o maior mandamento. A Sagrada Escritura nos ensina que o amor de Deus não pode separar-se do amor do próximo ... Mais ainda, o senhor, quando roga ao Pai que *todos sejam um, como nós também somos um* (Jo 17, 21-22), abrindo perspectivas fechadas à razão humana, sugere uma certa semelhança entre a união das pessoas divinas e a união dos filhos de Deus na verdade e na caridade. Esta semelhança demonstra que o homem, *única criatura terrestre a que Deus amou por si mesmo, não pode encontrar sua própria plenitude senão na entrega de si mesmo aos demais*” (GS 24).

O homem é amado como pessoa, como fim por si mesmo, único e irrepetível, imagem de Deus, como expressa o *Catecismo da Igreja Católica*, amado não como uma coisa, mas como *alguém* (*not something but someone*). Isto nos conduz ao dever de tratar como pessoa o embrião, o “nascituro” desde sua concepção, ou no necessário reconhecimento do estatuto do embrião, como sujeito de direitos, e o respeito para não ser usado nas diferentes formas de manipulação, que ameaçam a sua identidade, sua integridade, seus direitos. Converte-se em instrumento, retirado do âmbito humano de um amor de entrega plena e substituído por toda forma de mediação técnica (v.g. fivet homóloga ou heteróloga), que se apresenta como alternativa à procriação e faz do homem um *produto* técnico, até à incursão, ao crime contra a família e a humanidade, da possível clonagem (cf. Meu artigo sobre “Clonagem: perda da paternidade e negação da família”, em *L’Osservatore Romano*, 5 de setembro de 2003).

Hoje, privados da verdade do homem, se formulam novas e inaceitáveis definições do aborto, referindo apenas à etapa posterior à implantação do embrião, ou com a distinção entre embrião e pré-embrião, ou nas formas caprichosas e arbitrárias (v.g. nos Estados Unidos) donde só se reconhece a

dignidade da pessoa na criança que nasceu (*born*), de tal maneira que antes é só coisa. O qual permite o *Partial Birth Abortion*.

Também, negada a lei natural, a natureza do homem, o seu ser social; rejeitado o desenho original de Deus sobre o matrimônio (cf. *Mt* 19, 3-6), se introduzem novas alternativas ao mesmo: união de pessoas, não da doação do amor e de vida (*totius vitae*) de um homem e uma mulher.

A concepção tomista de *pessoa* é uma *defesa* contra a violação do direito à vida em todas as suas formas; contra o critério redutivo de *qualidade de vida*; contra a cruel discriminação contra os mais débeis e necessitados.

O homem é criatura, a imagem e semelhança de Deus, seu criador; esta é a chave da interpretação da antropologia cristã. Comenta sobre este aspecto Santo Tomás: “Aberta a mão pela chave do amor; as criaturas vieram à luz”.¹³ As criaturas saíram à luz; este é o momento da criação. Aberta a Sua onipotência, com a chave do amor; o homem sai de suas mãos. Um belo texto de Santo Tomás sobre o homem. Trata-se de um reconhecimento da grandeza divina, daquilo que é e daquilo que deve ser. Por amor o homem é criado à imagem de Deus: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” (*Gn* 1,26). A criação tem como chave um projeto, uma decisão, por assim dizer, de amor.

Em uma publicação recente do pensador espanhol Javier Zubiri (1898-1983), podemos ler que a criação pode ser entendida como o fruto do amor de Deus que se infunde, que se dá a si mesmo.¹⁴ Há em Deus uma liberdade para criar, uma liberdade que é o fundamento deste dom efusivo, deste amor que se infunde, em certo modo nas criaturas. A criação é uma doação em liberdade, sem compressão nem obrigatoriedade. Deus cria o homem do modo mais livre, como comenta São Boaventura, não para aumentar a sua glória: “não para aumentar a tua glória, mas para manifestá-la e transmiti-la”.¹⁵ Este bem, que é efusão de bondade, é um regalo fundamental de Deus.

Todo o criado é fruto de seu amor, e em particular o homem, no qual Deus se compraz como uma obra “muito boa” (*Gn* 1,31), como realização maravilhosa da criação: o homem é capaz de entrar em diálogo com Ele (Deus), se abre a comunhão com os demais. Não é quiçá ao mesmo tempo, o ser humano uma realidade e uma vocação? A vocação do homem é um peregrinar no crescimento do próprio ser, aberto a todos e a tudo.¹⁶ Aberto sobretudo a quem o criou por amor e que é a razão de sua configuração

¹³ TOMÁS DE AQUINO, *Commento al II Libro delle Sentenze*, Prólogo; cf. Catecismo dela Iglesia Católica, n. 293: “aperta mano, clave amoris, creaturae prodierunt”.

¹⁴ Cf. ZUBIRI, X. *El problema teologal del hombre: cristianismo*, Alianza, Madrid, 1997.

¹⁵ SÃO BOAVENTURA, *Commento ao libro delle Sentenze*, 1, 2, 2, 1.

¹⁶ ARISTÓTELES, *Metafísica*, I, 1: “Anima est quaedammodo omnia”.

definitiva e de seu destino. Esta é a grandeza do homem que, como afirma o Catecismo da Igreja Católica, “está chamado a compartilhar, no conhecimento e no amor, a vida de Deus. Para isto foi criado e esta é a razão fundamental de sua dignidade”.¹⁷

A este fim é chamado e este fim é a culminação de sua vocação de crescimento na união com Deus, em sua visão; e é aqui de onde radica fundamentalmente a sua dignidade. Esta vocação de união com Deus é a raiz da dignidade humana, para este fim foi tirado do nada, foi criado. Seria impossível compreender (em uma antropologia bíblica na qual se localiza o universo de nossa fé e é, ademais, o caminho de uma sã filosofia) a grandeza do homem sem ter presente a grandeza de Deus, de cujas mãos o homem procede por amor. Se Deus é posto “entre parênteses”, se perde a possibilidade de conseguir o conhecimento do que é o homem, e a compreensão da vida como vocação de união com os outros.

Há um texto muito belo, diria impressionante, de Santa Catarina de Sena que comenta esta realidade fundamental do amor que está na raiz da criação do homem por parte de Deus. Diz:

“Qual foi o motivo para dar semelhante dignidade ao homem? Certamente não pode ser outra coisa que o amor inextinguível com o qual contempleste em Ti mesmo a Tua criatura e te deixaste capturar de amor por ela. Por amor a criaste, por amor a fizeste um ser capaz de gozar do teu Bem eterno”.¹⁸

Certamente o amor inestimável com o qual Deus mirou em si mesmo a sua criatura, é o fundamento da dignidade humana. Ele se olha e, olhando-se, vê o projeto de sua criatura que “era muito bom”. Isto é no plano divino da criação uma novidade: algo distinto a Ele, distinto por dom, por efusão, por regalo, por liberdade. Por amor, Deus o criou e por amor o deu um ser capaz de gozar de seu bem eterno.

O homem é imagem de Deus. Sabemos muito bem que esta é a chave da linguagem bíblica do Gênesis. É uma visão do templo, uma visão na qual o sacerdote, como um litúrgico, se compraz em sua obra. É também a grande imagem arquetípica do mesmo homem que será levada a sua plenitude na riqueza do Novo Testamento, quando Deus, depois de ter falado de muitas maneiras, fala de forma distinta. Sua palavra definitiva em Jesus Cristo, seu Filho e imagem perfeita do Pai.

¹⁷ *Catecismo de la Iglesia Católica*, n. 356.

¹⁸ SANTA CATARINA DE SENA, *Dialoghi*, 4, 13.

O homem hoje olha entristecido em sua caída o que deveria ter sido, porque tem uma profunda aspiração para a plenitude. Na antropologia do Novo Testamento esta aspiração e este tender ao perfeccionismo e à união com Deus, se mostra como uma vocação. Santo Inácio de Antioquia dizia que o mártir, que esperava e caminhava com entusiasmo e ardor, quando as bestas o devorassem, e “moído como o trigo”, seria realmente um homem:¹⁹ esta é a idéia evangélica do homem em plenitude.

A realidade do amor pessoal e direto faz que a vocação seja única e irrepitível; que a imagem chegue a ser esplendor, “doxa”, grandeza em Deus, “gloria Dei vivens homo”: o homem que vive é glória de Deus, afirma Santo Irineu. Chega-se à plenitude na relação do homem com Deus quando, prossegue Santo Irineu, “vita autem hominis visio Dei”.²⁰ A glória de Deus é o homem que vive, mas a vida em plenitude é a visão de Deus. Na realidade do amor, em qualquer situação em qualquer condição. Ninguém pode negar o amor a quem Deus ama. Por isso uma pessoa que recebe, de maneira tão pessoal e plena, o sinal de ser imagem de Deus pelo fato de ser pessoa, reconhece que isto é um bem que deve ser recebido com alegria, agradecimento também quando está acompanhado de limitações ou sofrimento.

A segunda parte deste texto da *Gaudium et spes* afirma que a criatura humana não poderá reencontrar-se senão por meio da sua doação sincera. Isto, com relação à família, constitui uma chave para a compreensão da identidade do matrimônio como total doação recíproca entre os cônjuges. Ilumina todo o processo da família como uma dinâmica circulação do amor entre os seus membros.

Porque a coação dos cônjuges é total, por isso é fiel, exclusiva, até a morte, e aberta à vida. Converter a doação total por um amor fragmentado, que não é amor, condicionado, limitado no tempo (com o matrimônio “*ad tempus*”) ou com a praga do divórcio; restringir e negar o amor total que se inscreve na lógica da procriação desejada, constitui uma traição à dinâmica do amor. Esta reflexão, trabalhada pela teologia, contribui com uma adequada complementação à *Humanae vitae*. É uma das contribuições fundamentais do Magistério de João Paulo II. É a fundamentação, de enorme valor humano que faz da família o lugar de um amor feito de ternura e responsabilidade; é o antídoto contra o egoísmo que não permite um amor maduro, oblativo, que é também busca da realização do outro e que se inscreve na dinâmica do amor Trinitário e faz possível decifrar o mistério do homem no Verbo Encarnado.

¹⁹ Cf. SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Lettera ai Romani*.

²⁰ SANTO IRINEU DE LEÃO, *Adversus haereses*, 4, 20, 7.

“Somente na realidade do mistério do Verbo Encarnado encontra verdadeira luz o mistério do homem ... Revelando o mistério do Pai e do seu amor revela plenamente o homem a si mesmo e o manifesta sua altíssima vocação” (cf. *Gaudium et spes*, n. 22)

O mistério do homem é plenamente referido a Cristo, “Aquele que penetrou de maneira única e irrepitível no mistério do homem e entrou em seu coração!” (*Redemptor hominis*, n. 8).

“O homem que deseja compreender a si mesmo em profundidade – não só de acordo com critérios e medidas do próprio ser de caráter imediato, parcial, superficial e, além disso, aparente – deve aproximar-se de Cristo com a sua debilidade e condição pecaminosa, com sua vida e morte. Deve, por assim dizer, entrar em si mesmo com todo o seu ser, ‘apropriar-se’, assimilar toda a realidade da encarnação e da Redenção para tornar a encontrar a si mesmo. Realiza-se nele este profundo processo, então produz frutos não só de adoração a Deus, mas também de profundo assombro de si mesmo...” (*Redemptor hominis*, n. 10).

Um amor oblato é às vezes um amor exigente. É o tema que desenvolve João Paulo II no n. 14 da Carta às Famílias, seguindo a linha da primeira carta aos Coríntios acerca do amor, “paciente”, “benigno”, “que tudo suporta” (1 *Cor* 13, 4-7). Expressa o Santo Padre, citando a *Summa Theologica*, I, q. 5, art. 4 ad 2:

“Mas propriamente nisto está a sua beleza: no fato de ser exigente, porque deste modo constitui o verdadeiro bem do homem e o irradia também sobre os outros. O bem, com efeito, diz Santo Tomás, é por sua natureza, difusivo”.

Isto ilumina também o

“Núcleo mesmo da verdade evangélica sobre a liberdade. A pessoa se realiza mediante o exercício da liberdade na verdade. A liberdade não pode ser entendida como a faculdade de fazer qualquer coisa: significa o dom de si. Mais ainda, significa a interior disciplina do dom”.

Opõe-se, pois, diametralmente ao egoísmo, ao individualismo, e se inscreve numa perspectiva de personalismo.

“O ‘ethos’ do personalismo é altruístico: move a pessoa a se fazer dom para os outros e a encontrar o gozo no doar-se. É o gozo do qual fala Cristo”. (cf. *Juan* 15, 11; 16, 20-22) (cf. *Gratissimam sane*, n. 14).

Falamo-nos, pois, na plena riqueza de uma perspectiva antropológica que supera os perigos de uma esvaziar-se do homem.

“Se, afirma o Papa, o racionalismo moderno não suporta o mistério. Não aceita o mistério do homem, homem e mulher, nem quer reconhecer que a plena verdade do homem foi revelada em Jesus Cristo. Não tolera, em particular, o grande mistério, anunciado na carta aos Efésios, e o combate em modo radical” (*Gratissimam sane*, n. 19).

A imitação do Senhor supera a mutilação do homem e evita que, “assim, o homem deixe de viver como pessoa e sujeito. Não obstante as intenções e declarações contrárias, ele se torna exclusivamente um objeto” (*Gratissimam sane*, n. 19). No “*tradidit seipsum*”, na plena entrega do Senhor, falamos também a nossa própria realização, e com a graça de Cristo, nossa Salvação.

A família, útero espiritual

Se a concepção da pessoa no pensamento tomista nos preserva da contaminação de uma cultura que atenta contra a dignidade humana, e a dinâmica da entrega de si mesmo é fundamental para responder ao projeto de Deus sobre o matrimônio, é esta comunicação querida por Deus a que permite a realização do homem e da mulher. Muitos sociólogos sustentam que a única instituição capaz de formar integralmente o homem é a família. Nesta realidade se inscreve o denso texto de Santo Tomás que encontramos em *Quodlibeta*, II, q. 4, art. 2. in corpore. Trata-se do tema *Utrum parvuli Iudeorum sint baptizandi invitis parentibus*. A resposta é que não se deve batizar... O texto a que quero referir-me é este:

“Alia vero ratio est, quia repugnat iustitiae naturali. Filius enim naturaliter est aliquid patris; et primo quidem a parente non

distinguitur secundum corpus, quandiu in matris utero continetur; postmodum vero, postquam ex utero egreditur, antequam usum liberi arbitrii habeat, contentur sub parentum cura sicut quodam spirituali útero”.

Também se encontra em um contexto semelhante no texto da *Summa Theologiae*, II, q. 2, art. 10 ad 12.

A noção de útero espiritual, que é a família, corresponde a comprovações da psicologia infantil amplamente aceitas. Falou-se que o homem nasce prematuramente, no seguinte sentido: nasce de tal maneira com a exigência de ser em tudo ajudado, que não encontraria semelhança em outra classe de nascimento no reino animal. Isto é evidente no “nascituro” que se encontra no ventre materno. Com todo o cuidado e ternura que os pais, especialmente a mãe, devem brindar. Isto supõe naturalmente que deva ser tratado como pessoa e que a mãe na gravidez deva ter cuidados especiais. Inicia-se ali uma linguagem não articulada, especialmente com a mãe. A harmonia e o gozo da espera representam já uma atmosfera preciosa para o bebê que vai nascer. Especialmente durante os primeiros anos, o carinho e a ternura dos pais são decisivos na conformação da personalidade. A criança se abre à realidade das relações interpessoais no encontro com os seus próprios pais. Toma consciência do seu próprio ser no diálogo de amor com os deles, e inicia um caminho de educação, também de uma certa transmissão da fé, no contato privilegiado com a família. Os valores humanos são radicados e cultivados através do exemplo dos pais. Uma vez que se aprende a linguagem humana se vai decifrando, de certa maneira, a sua própria realidade e vocação. A união estável, de plena harmonia, é requisito indispensável. Bem se conhece o impacto desgarrado que sentem os filhos com os conflitos, com a separação, e com a ruptura do divórcio. Os filhos são vítimas da falta da harmonia dos pais e pagam sérios custos. Hoje abundam os estudos que mostram como atitudes violentas, um nível desconhecido de violência, e uma séria dificuldade para o aprendizado, são conseqüências da situação dos filhos quando carecem realmente de lugar, segundo a conhecida frase do Santo Padre: “quando são órfãos com os pais vivos”. É uma grave perturbação a que se gera para o harmônico desenvolvimento da personalidade. Na Encíclica *Centesimus annus*, a família, santuário da vida, representa esse âmbito sagrado que permite o crescimento humano:

“Com efeito, é sagrada: é o âmbito donde a vida, dom de Deus, pode ser acolhida e protegida da maneira adequada contra os múltiplos ataques a que está exposta, e pode desenvolver-se

segundo as exigências de um autêntico crescimento humano. Contra a chamada cultura da morte, a família constitui a sede da cultura da vida” (n. 39).

O doutor Angélico parece limitar o serviço deste útero espiritual até que os filhos gozem do livre arbítrio. Hoje, poderia dizer-se que a proteção, que desta situação se deriva, vai consolidar a vida da criança como também do adolescente. Na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Crianças, o conceito de criança se prolonga até os 18 anos. Este e outros argumentos poderiam indicar que também a família deve servir de ambiente propício e protetor durante a juventude. Sobretudo hoje quando se tem a tentação da síndrome do Peter Pan, que rejeita amadurecer e que permanece ser sempre uma criança. Ou quando, e são muito ilustrativos os livros do Prof. Toni Anatrella, a juventude assume um estilo de vida de uma “adolescência interminável”. Não se deve só aos problemas de índole econômica, mas também a uma insegurança dos jovens, a uns temores que se tornam evidentes, de assumir uma responsabilidade e de contrair matrimônio. A idade média para se casar se elevou notavelmente: oscila entre os 29 e 30 anos, como idade média, por exemplo, na Itália.

A família como “útero espiritual” deve fazer que os valores humanos e cristãos arraiguem na personalidade dos filhos. Não se pode renunciar à tarefa da educação que hoje só pode ser posta na tela do juízo. Abundam os temores nos pais em relação com a superproteção relativa aos filhos, e o temor de que ao educar se invada a sua liberdade. Tais temores devem ser convenientemente superados com um conhecimento da idade evolutiva e com os ingredientes de uma sã antropologia. Isto tem um valor muito especial com relação ao dever que têm os pais de assegurar também, em união com a escola e com a paróquia, uma adequada educação sexual, digna deste nome. Não se pode aceitar que os progenitores sejam uma espécie de intrusos na formação dos filhos, caindo assim em formas de individualismo que fazem impossível a educação. Desterrar aos pais da educação dos filhos, e em concreto todo o campo da educação sexual, foi um dos golpes mais fortes que tem as suas raízes na Conferência do Cairo, em Pequim, e em certos procedimentos hoje recomendados. Os chamados “direitos sexuais” e “direitos reprodutivos”, não podem atirar ao ostracismo, a quem são postos por Deus como os primeiros evangelizadores, formadores, e responsáveis dos mesmos.

3. CONCLUSÃO.

Feito um trajeto rápido das contribuições que desde um pensamento tomista enriqueceram a antropologia, a verdade do homem, a realidade do seu mistério, tanto enquanto à sacralidade da vida humana, como também dos fundamentais direito da família.

Para superar a desumanização do homem convertido em objeto, é chave aprofundar na “irrefreável sede de dignidade humana” que a concepção da pessoa assegura, como também em toda a riqueza que representa a entrega dos esposos para a sua vocação de amor conjugal. Isto com referência também não só à infância, mas também à adolescência. Mais que privilegiar uns textos de Santo Tomás, conta a harmonia de um conjunto antropológico no qual o homem emerge o mistério da imagem de Deus, que há de suscitar estupor, a admiração, na família, estupor originário que na manhã da criação empurra Adão a exclamar diante de Eva: “És carne de minha carne e osso de meus ossos (Gn 2, 23)” (*Gratis simam sane*, n. 19). É este conjunto de verdades que sustenta a obra, a realização do homem, o sentido de sua liberdade para responder a uma vocação que há de resultar na realidade do homem em plenitude.